

Humanidades e Universidade: que passado e que futuro?

José Eduardo Franco & Luísa M. Antunes Paolinelli

Resumo:

O projeto de Universidade de que somos herdeiros, desenvolvido na Idade Média, nasce assente no princípio da universalidade, no diálogo entre disciplinas e na demanda do conhecimento à luz de um ideário de procura da unidade dos saberes, garantindo ao mesmo tempo a sua autonomia epistemológica na construção de um saber mais holístico sobre a complexidade do ser humano e do cosmos. As disciplinas englobadas hoje nas «Humanidades» desempenhavam um papel central numa formação que se pretendia o mais possível unificadora das etapas de produção de conhecimento disciplinar fragmentário. Com a crescente deriva da especialização na construção do conhecimento e com a valorização das áreas científico-técnicas em nome de exigências económico-sociais, as tradicionais Humanidades têm sofrido uma secundarização no quadro universitário, correndo o risco, em alguns casos, do seu desaparecimento. É, assim, fulcral refletir sobre o seu lugar e futuro, entendendo a Academia como território de produção de saber aberto, com uma formação abrangente e englobante, de interação e construção de visões globais de conhecimento, contra os perigos da fragmentação ou coisificação. Esta assumida defesa das Humanidades passará por vencer a velha dicotomia entre Humanidades, pouco valorizadas da construção de um saber universitário, e as Ciências ditas «científicas» ou «duras», de forma a que se possa contribuir para humanizar e responsabilizar o conhecimento em nome de uma humanidade plenamente humana.

Palavras-chave:

universidade; humanidades; epistemologia; saberes; humanidade.

Humanities and University: What past and what future?

Abstract: The University project of which we are heirs, developed in the Middle Ages, is born based on the principle of universality, in the dialogue between disciplines and in the demand for knowledge in the light of an ideal of seeking the unity of knowledge, while guaranteeing its epistemological autonomy in the construction of a more holistic knowledge about the complexity of the human being and the cosmos. The subjects encompassed today in the «Humanities» played a central role in an education that was intended as much as possible to unify the stages of producing fragmentary disciplinary knowledge. With the increasing drift of specialization in the construction of knowledge and with the valorization of scientific-technical areas in the name of economic and social requirements, the traditional Humanities have been suffering of less importance in the university framework, running the risk, in some cases, of disappearing. It is, therefore, crucial to reflect on its place and future, understanding the Academy as a territory of production of open knowledge, with a comprehensive and encompassing formation, of interaction and construction of global views of knowledge, against the dangers of fragmentation or objectification. This assumed defense of the Humanities requires overcoming the old dichotomy between the Humanities, little valued in the construction of university knowledge, and the so called «hard» Sciences, so that one can contribute to humanize and hold knowledge accountable in the name of a fully human humanity.

Keywords: university; humanities; epistemology; knowledge; humanity.

Humanidades y Universidad: ¿qué pasado y qué futuro?

Resumen: El proyecto de Universidad del que somos herederos, desarrollado en la Edad Media, nace basado en el principio de universalidad, en el diálogo entre disciplinas y en la demanda de conocimiento a la luz de un ideal de búsqueda de la unidad del conocimiento, al tiempo que garantiza su autonomía epistemológica en la construcción de un conocimiento más holístico sobre la complejidad del ser humano y el cosmos. Las materias englobadas hoy en las «Humanidades» jugaron un papel central en una formación que pretendía en lo posible unificar las etapas de producción de saberes disciplinarios fragmentarios. Con la creciente deriva de la especialización en la construcción del conocimiento y con la valoración de las áreas científico-técnicas en nombre de las exigencias económicas y sociales, las Humanidades tradicionales han sufrido una relevancia secundaria en el marco universitario, corriendo el riesgo, en algunos casos, de su desaparición. Por tanto, es fundamental reflexionar sobre su lugar y futuro, entendiendo la Academia como un territorio de producción de conocimiento abierto, con una formación integral y abarcadora, de interacción y construcción de visiones globales del conocimiento, frente a los peligros de la fragmentación o objetivación. Esta asumida defensa de las Humanidades pasará por superar la vieja dicotomía entre Humanidades, poco valoradas en la construcción del conocimiento universitario, y las Ciencias denominadas «científicas» o «duras», para que se pueda contribuir a humanizar y responsabilizar el conocimiento en la nombre de una humanidad plenamente humana.

Palabras llave: universidad; humanidades; epistemología; conocimiento; humanidad.

Sciences humaines et université: quel passé et quel avenir?

Résumé: Le projet universitaire dont nous sommes les héritiers, développé au Moyen Âge, est né sur la base du principe d'universalité, du dialogue entre les disciplines et de la demande de savoir à la lumière d'un idéal de recherche de l'unité de la connaissance, tout en garantissant son autonomie épistémologique dans la construction d'une connaissance plus holistique de la complexité de l'être humain et du cosmos. Les sujets abordés aujourd'hui dans les «Humanités» ont joué un rôle central dans une formation qui visait autant que possible à unifier les étapes de production de connaissances disciplinaires fragmentaires. Avec la dérive croissante de la spécialisation dans la construction des savoirs et avec la valorisation des domaines scientifiques et techniques au nom des exigences économiques et sociales, les sciences humaines traditionnelles ont subi une importance secondaire dans le cadre universitaire, courant le risque, dans certains cas, de leur disparition. Il est donc crucial de réfléchir sur sa place et son avenir, de comprendre l'Académie comme un territoire de production de connaissances ouvertes, avec une formation globale et englobante, d'interaction et de construction de vues globales de la connaissance, contre les dangers de la fragmentation objetivation. Cette défense assumée des Humanités passera par le dépassement de la vieille dichotomie entre les Humanités, peu valorisées dans la construction des savoirs universitaires, et les Sciences dites «scientifiques» ou «dures», pour que l'on puisse contribuer à humaniser et responsabiliser les savoirs d'une humanité pleinement humaine.

Mots-clés: université; sciences humaines; épistémologie; connaissance; humanité.

1. Subalternização das Humanidades, logo da humanidade

No contexto que é o nosso, o sistema de educação que se torna necessário redefinir, deveria girar em torno de dois pólos que mutuamente se atraíssem e implicassem: a ciência e a sabedoria, os factos e os valores.

Manuel Antunes

Se queremos recuperar a centralidade do ser humano, não podemos suprimir as humanidades. A alternativa é forma(ta)r automatismos úteis mas sem alma, consumidores perfeitos, mas não pessoas livres, capazes de abraçar o bem comum.

Margarida Miranda

Muito se tem debatido ultimamente sobre o lugar das Humanidades no ensino universitário e, por extensão, no ensino técnico, e até nos outros níveis de ensino (Miranda, 2018). O sobredomínio das áreas ditas das ciências «duras» e das tecnológicas no ensino superior universitário relegou as Humanidades não só para segundo plano, mas mais ainda para um subplano, quase residual, em nome da ideia de inutilidade dos resultados decorrentes do ensino das disciplinas das ciências humanas para atender à ditadura da lei da oferta e da procura do mercado laboral, alinhado com as prioridades de natureza económica que regem, cada vez mais, as sociedades hodiernas.

Especialmente em Portugal, alguns discursos de altos responsáveis pela política de ciência e ensino superior, apostados em dar supremacia a cursos que garantam o progresso estritamente material das nossas sociedades, tenderam a desvalorizar as disciplinas humanistas nos *curricula* académicos e a desincentivar a procura de cursos universitários centrados nestas áreas do saber, à luz do critério do seu baixo valor de mercado. Como refere Martha C. Nussbaum, no livro significativamente intitulado *Not for Profit. Why Democracy Needs the Humanities* (Nussbaum, 2010), a visão mecânica, simplificada, das relações da educação com o desenvolvimento económico não só é pouco adequada à ideia de uma verdadeira formação, como tem tido efeitos perversos já na estrutura curricular da escola. Partindo da ideia de que a competitividade económica entre países depende das inovações tecnológicas, os decisores políticos ocidentais, desde os anos 60, têm vindo a apostar nas chamadas «*hard sciences*», pedindo às escolas para se empenharem sobretudo na meta do desenvolvimento das áreas técnicas e científicas. Daqui partiu uma onda longa que, nas escolas dos 3.º ciclos e secundárias, arrastou consigo o estudo das disciplinas consideradas menos úteis,

como, por exemplo, as línguas clássicas, diminuindo também as cargas horárias das humanidades, para obter o almejado progresso económico. Ao contrário das matérias científicas, que obtiveram a estima geral dos cidadãos, as disciplinas das humanidades foram atingidas por uma visão anticlássica e anti-histórica que as entendia, e em parte ainda entende, como acessórias e sem relação com o crescimento económico ou com a saúde e bem-estar físico do homem e, por isso, sem utilidade visível. Este panorama, em que o lucro é o verdadeiro objetivo, acabou também por atingir a universidade, que seguiu, de maneira pouco criteriosa, as tendências políticas e económicas, redimensionando os estudos humanísticos e artísticos, considerados pouco competitivos no mercado global, e garantindo o investimento nos saberes técnico-científicos, mais idóneos na prossecução do desenvolvimento económico que, segundo o modelo adotado, conduziria automaticamente a tudo o resto: solidariedade, paz social, instrução, apoio à saúde, etc. Nesta pretensa conquista, a universidade separou os saberes e valorizou mais uns em detrimento de outros, perdendo a ideia de globalidade do conhecimento humano e da intersecção das áreas.

Afirmações como «letras são tretas» e «Humanidades não são ciência» tendem a cristalizar uma hierarquização do saber universitário, conferindo um grau de menoridade científica às «Humanas», a que alguns têm pejo de alocar o substantivo «ciências». Por este processo de desacreditação, tendemos a mercantilizar a Universidade, esvaindo a sua alma fundadora. Aliás, como se de um complexo de Édipo se tratasse, matou-se a estrutura fundadora da Universidade medieval, invertendo-se a pirâmide dos saberes, colocando-se no topo, em termos de importância, o que na origem estava na base. Hoje, a Universidade é uma pirâmide identitária invertida, logo, de algum modo, pervertida.

2. A experiência antropológica de expulsão e de demanda da hospitalidade de sentido

Se a Universidade se apresentou, desde a sua fundação, com um caminho para cumprir um ideal de procura de conhecimento para compreender e «dominar o cosmos», também foi uma via para o conhecimento, o domínio e o crescimento interior do Homem. Como escrevemos noutra lugar:

Conhecer é a forma suprema de a razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. O conhecimento atende a um dos mais profundos desejos humanos, que se liga diretamente à necessidade de dominar e controlar a realidade, seja ela apreendida num dado espaço, seja no plano mais abstrato do tempo. (Franco, 2014, p. 13)

O domínio do universo palpável, material, que deve ser direcionado para uma exploração e gestão equilibrada e sustentável, deve ser orientado pelo sentido do cuidado do meio natural, a nossa pátria natural onde nos foi dado viver. Contudo, esse «domínio» harmónico do espaço exterior só pode ser feito se houver capacidade de «dominar», de «equilibrar», de «harmonizar» o espaço interior dos seres humanos.

No entanto, a política de conhecimento parece-nos hoje cada vez mais orientada para privilegiar saberes na Universidade que visam o domínio exterior do universo humano, o domínio do cosmos e o seu progresso, descuidando o domínio do universo interior do ser humano.

Sem a atenção formativa a este reduto fundante do humano, o desiderato de tornar o meio natural hospitaleiro ao Homem desordena-se e o ideal de progresso torna-se um devaneio esvaziado de sentido. Se entendermos, como nós entendemos, que a origem da cultura está numa «experiência de expulsão» do seio materno (ou da metáfora arquetípica deste que é o paraíso perdido das narrativas genesíacas de fundo bíblico) (Franco, 2019, 249-256) e que toda a construção cultural e civilizacional é uma construção de hospitalidade material, mas também espiritual, ou seja, neste caso, a hospitalidade de sentido, então a demanda do saber deve atender a estas diversas dimensões da cultura e da civilização, que garantem que o “homem se torne plenamente homem”. (Antunes, 2007, p. 86).

A educação, seja a universitária ou outra, deve responder a este fim primigénio da cultura, isto é, tornar o meio natural hospitaleiro para os seres humanos no que respeita ao conforto físico, mas também em termos de sentido, de conforto espiritual, com uma orientação para a caminhada humana na construção da história em cada espaço e em cada tempo. Empobrecer a educação de uma destas dimensões do humano é empobrecer a humanidade e pôr em causa o seu equilibrado processo de aperfeiçoamento.

Considerando que na experiência cultural do homem a permanência e o devir se interseccionam na aquisição dos diversos saberes, é essencial criar condições para a sua coexistência e tensão recíproca. Como escreve Daniela Marcheschi, a Física de Einstein, a Genética e a Antropologia “têm mostrado a necessidade de o homem dever pensar-se a si próprio como poliedros, pluralidade de várias dimensões e universos humanos – por poliperimetrias temporais, lógicas, biológicas, culturais, etc. – em vez de olhar-se como mónades seccionáveis de forma geométrica e elementar.” (Marcheschi, 2004, p. 17). A formação deve, por isso, ter em conta que o conhecimento se baseia numa perspetiva de pesquisa ampla, de forma a que o exercício do saber, da investigação, da criação seja o mais profundo e inovador. De facto, como escreveu Gillo Dorfles, só a confluência de motivos axiológicos, políticos, estéticos, científico-rationais e histórico-críticos pode conduzir a uma justa avaliação dos problemas que envolvem a totalidade do ambiente humano, permitindo ao indivíduo, à sociedade, mas também à

produção nas mais diversas áreas, atingir um equilíbrio fundamental ao homem e à comunidade (Dorfles, 1973). Assim, considerar o conhecimento como compartimentado, criar uma fronteira entre ciências e humanidades, desvalorizando as últimas face ao que se crê serem as exigências de uma nova sociedade tecnológica, e relegando-as para uma espécie de dispensável ornamentalidade, parece apenas ser uma falsificação da relação do homem com o mundo que o rodeia e uma triste compensação para a ideia de que se consegue abarcar a realidade a partir de uma única perspetiva.

Especialmente perigoso é perder a noção de tempo prospetivo que as humanidades nos dão, isto é, a capacidade analítica de considerar o distante e o próximo, o passado e o presente, o centro e a periferia através da perspetiva histórica que não reduz o homem a uma única dimensão, uma só tradição, uma só história. A «atualidade» e as suas pretensas exigências conduzem a maior parte das vezes a uma renúncia dessa perspetiva, que é temporal e cultural, focando-se a formação universitária principalmente em valências cognitivas que prescindem da complexidade da dialética entre passado, presente e futuro, a uma verificação que passa também pelo confronto dos saberes. Desta forma, falha-se no que poderia ser a produtividade da cultura e da educação como «hospitalidade dos sentidos» e na reinvenção inovadora e inventiva facilitada pela sobreposição e tensão dos saberes, a sua comparação interativa. Falha-se, no fundo, a compreensão do homem antropológico.

A tentação de adotar métodos de investigação e modelos epistemológicos decalcados dos estatutos das chamadas ciências exatas por parte das humanidades com vista à sua afirmação, sem, como salienta Daniela Marcheschi (2004, p. 28), “as necessárias meditações intelectuais [...] na ilusão de encontrar fundamentos objetiva, ontológica e assepticamente válidos”, acaba por conduzir certos saberes e perspetivas humanísticas para um preconceito científico que nada tem a ver com o verdadeiro exercício metodológico das ciências. Isto porque se confundem também os objetivos: se as ciências procuram a verdade verificável, as humanidades procuram o verdadeiro no homem e este encontra-se na reconstrução, na radical renovação que se faz a partir do que se passa de geração em geração, unindo o conhecimento da técnica à reflexão, consciente de que cada ação está ligada de forma estreita e interdependente à comunidade dos seres vivos, animais e vegetais. O entendimento desta relação de tipo antropológico, e que traz para primeiro plano a responsabilidade ética, é essencial ao ser humano nas escolhas concretas, no estabelecimento de metas, na vontade de ser capaz de ter e comunicar valores sociais, humanos.

3. Cura para as derivas da barbárie: valores axiais de uma educação total

Por isso, a educação, para o ser de facto, terá de ir além da mera instrução, seja na escola ou na Universidade. As instituições que sejam dignas do adjetivo «educativas»

deverão ser «campos» de cultivo do saber, realizando assim um dos melhores ideários existenciais do ser humano, como bem lembra António Fidalgo, que realça a importância do tempo livre como momento ideal do «cultivar-se», fazendo connosco mesmos o que o agricultor faz com os campos. Isto é, para que os terrenos deixem de ser bravios,

onde apenas medram abrolhos e giestas, precisam de ser desbravados, revolvidos pelo arado, estrumados e regados. Cultivar os campos é tratar deles, de modo a semear e a colher neles os legumes e os frutos da nossa alimentação. Uma pessoa sem cultura é como um campo selvagem: tudo é determinado pelas forças da natureza e do acaso. Os instintos crescem livremente e, à maneira de cardos e silvas, ocupam todo o terreno e impedem que algo mais se desenvolva, nomeadamente os sentimentos e razão. (Fidalgo, 2019, p. 104)

Já Ernst Robert Curtius alertava, em 1931, em *O abandono da cultura*, ensaio em que analisa o problema da formação e do papel quer das instituições de ensino quer das instituições culturais, para a importância da diferença entre formação e instrução. O saber exige o domínio da técnica, o rigor e o uso correto dos instrumentos, mas só pode ser um verdadeiro conhecimento quando se faz um exercício analítico e de reflexão e se vai além da mera transmissão do essencial, baseado num saber livresco perpetuado no tempo, que privilegia a forma e sacrifica a substância. A formação corresponde ao investimento no homem, oferecendo-lhe a disciplina intelectual, permitindo-lhe refletir sobre as tradições culturais, filosóficas, históricas de que é o depositário.

A formação para Ernst Robert Curtius deveria ser, acima de tudo, investimento na personalidade, no seu entendimento da cultura, da ciência e do pensamento como tradições dinâmicas, no seu «eu» e «nós» ético. Em *European Literature and the Latin Middle Ages* (Curtius, 1963, p.3), exemplifica justamente como o conhecimento deve ser entendido, chamando a atenção para o estudo do pensamento e da história que propicie “a widening and a clarification of consciousness”.

O panorama de crise, com o decréscimo de qualidade das classes dirigentes, dos grupos ligados à comunidade e à cultura, que o estudioso alemão verificava na cultura do seu tempo devia-se, segundo o pensador, a um investimento na formação de massa de tipo instrutivo e não numa verdadeira formação de espíritos. exigida a elaboração e defesa dos valores ou uma verdadeira responsabilidade no plano intelectual e no plano moral.

À semelhança de Curtius, também o Padre Manuel Antunes defende um projeto educativo global, que invista na reflexão intelectual, crítica, criadora e de dimensão ética:

Uma educação ou é total ou simplesmente não é. Uma educação ou tem em conta todas as aspirações do homem ou não passa de um logro. Pretender construir uma 'ciência' da educação sem que nela influa, para nada, nem a moral nem a metafísica é edificar sobre a areia. É o todo do homem que está em causa e não apenas a inteligência. (Antunes, 2008a, p. 174)

A educação não deverá esquecer, assim, a dimensão formativa do homem: alerta o autor que uma progressiva instrução do indivíduo não significa necessariamente um «melhor» indivíduo, um homem total (Antunes, 2008, p. 53). Deve, hoje em dia, realizar o ideal de formação do cidadão, do homem novo ao serviço de uma sociedade em permanente renovação, cumprindo a utopia, nunca acabada, assente nos pilares ideais da «Liberdade, Igualdade e Fraternidade», não esquecendo os clássicos princípios da educação, lembrados por Manuel Antunes num artigo escrito em 1970, quando a UNESCO decretou aquele ano como Ano Mundial da Educação: **Gravitas** (sentido de responsabilidade), **Pietas** (ligação íntima e reconhecida à dimensão transcendente da vida, ao meio divino, aos nossos maiores que nos precederam, aos que são os *exempla* dos valores da Cidade) e **Simplicitas** (destaque do valor de cada ser humano e de todos os seres humanos, adequando tudo na vida à medida certa, sem excessos nem desvios autodestruidores, procurando a assertividade na ação) (Antunes, 2008a). Ao que poderíamos acrescentar, hoje, três vetores que se podem tornar a expressão, medida em cada pessoa, de uma educação assim bem conseguida: **Inquietação** (sair do comodismo do já conseguido e viver em situação de procura da verdade, que é fundamentalmente um caminho), **Entusiasmo** (que advém do gosto resultante do contacto com a diversidade de saberes e das diferentes vias de conhecimento) e **Alegria** (pelo saber adquirido e pelas possibilidades, sempre em aberto, de ir mais além na conquista de um saber maior).

4. Universidade como reduto de liberdade e de aperfeiçoamento

Na sua génese medieval, devedora da ideia clássica de academia, o saber superior cultivado na Universidade deveria considerar na sua base a possibilidade de pensar a totalidade do humano, fazendo eco da máxima de Terêncio «Homo sum: humani nihil a me alienum puto» (*Nada do que é humano nos é estranho*) (Terêncio, *Heautontimorumenos*, 77). A Universidade constituiu-se, na sua fundação, como um reduto de liberdade de pensamento, associado à abrangência em espiral dos saberes que podem iluminar o conhecimento do ser humano e dos meios que o envolvem ou que lhe podem dizer respeito, desde o meio visível ao invisível, desde o conhecido ao desconhecido, desde o confirmado pela razão ao imaginado pela intuição e pela poderosa faculdade humana de conceber mundos alternativos. Já Richard Bauman fazia

remontar aos clássicos, mormente à construção da ideia romana de universalidade, este fito englobante que se espraia no pensamento ocidental e que tem a Universidade por reserva reprodutora (Bauman, 2000).

Por seu lado, outra ideia fundadora da Universidade, tendo por fundo a ideia primacial de academia, é constituir-se – intenção recuperada no âmbito da corrente iluminista (Diderot, 1751) –, fundamentalmente, como lugar de aperfeiçoamento, de procura de perfeição em todas as dimensões do humano, decorrendo daqui, como efeito segundo, o desenvolvimento de competências em diferentes áreas, para benefício da sociedade. Mas tal não pode acontecer de forma fecunda se não for garantido esse espaço germinal de aperfeiçoamento assente na liberdade de saber e de aprimoramento. Daqui decorre que tal ideal de humanização total, que a Universidade transporta, tem no horizonte a demanda da unidade de todos os saberes, como lembra George Gusdorf: “A interdisciplinaridade, a exigência da unidade do saber, constitui a sede da universidade, a sua original razão de ser. Esta razão de ser foi perdida de vista pelos universitários modernos.” (Gusdorf, 2006, p. 21)

5. Universidade, símbolo de progresso, capturada por ideologias

O modelo de Universidade de criação medieval sofreu, entretanto, várias metamorfoses modernas e contemporâneas. Hoje, assiste-se à sua massificação. E esta instituição foi constituída, nos tempos que correm, como um importante fator de medição do progresso dos países onde está mais ou menos implantada e desenvolvida. Também em nome do seu prestígio, tem sido capturada pelas ideologias e pelas políticas de cada tempo e têm-lhe sido atribuídas funções e metas que tendem a desvirtuar a sua identidade primigénia, nomeadamente quando se quer torná-la unicamente um centro de instrução de pessoas para os fins imediatistas do mercado de trabalho. Ainda se mantém muito atual o diagnóstico feito pelo Padre Manuel Antunes, no início dos anos 60 do século passado, refletindo sobre o “Problema da Universidade” na revista *Brotéria*: “Função vital de um mundo que, em boa parte, é feita sua, a instituição universitária vê-se entre a necessidade de se adaptar às novas condições culturais, civilizacionais e até simplesmente humanas, delas decorrentes, e às exigências de fidelidade às origens. Daí a crise atual.” (Antunes, 2008a, p. 213)

Num artigo do *The Guardian* de 2017, Francine Prose ofereceu um panorama cinzento das escolhas das universidades americanas, mas também europeias, em relação às humanidades, fazendo referência aos cortes nos orçamentos nas áreas de Línguas, Literaturas, Culturas, História e Filosofia, ao desaparecimento de programas de mestrado e de doutoramento e à reorganização dos departamentos destas áreas com vista à sua fusão que têm em comum um único objetivo, o de reduzir pessoal e número de cursos oferecidos. O critério não é, segundo a autora, apenas uma questão

económica, de sobrevivência da universidade, mas tem como base uma explicação ideológica: “The decision to reduce education to a corporate consumer-driven model, providing services to the student-client, is ideological too.” (Prose, 2017, p. 2). A ideia de fazer um «rebrand» da imagem da universidade, como se se tratasse de um produto que se quer por força vender, não se limita ao logo, ao «website» e às bandeiras espalhadas pelo *campus*, mas passa por procurar nichos de mercado que conjuguem a procura dos estudantes e a necessidade dos empregadores, focando-se, por isso, numa particular área de formação especializada e deixando cair a oferta nas áreas que são consideradas menos rentáveis. Prova disso, e de como o problema é global, foi a carta que em 2015 o Governo do Japão enviou às universidades nacionais, na qual lhes sugere o fecho dos departamentos de ciências sociais e humanas no sentido de “focus on something more practical”. (Prose, 2017, p. 3)

Esta tendência, que é simultaneamente uma escolha de mercado e uma opção ideológica, fecha, no entanto, mais do que abre as portas às oportunidades. De facto, os vários estudos sobre competências apontam para o valor das humanidades e das artes no desenvolvimento das capacidades críticas e analíticas, na tolerância das ambiguidades, na prática de se colocar do lado do outro, reconhecendo diversos pontos de vista, no uso da linguagem, fundamental para a comunicação, participação, intervenção e defesa do homem e da sua comunidade. Além disso, a compartimentação dos saberes, com o corte do «frívolo», que, em teoria, poderá levar determinada universidade à excelência, aumentando o preço da sua oferta, acabará por gerar apenas trabalhadores, mas não seres pensantes. Como aponta Noam Chomsky, o objetivo da formação não é, como muitas vezes é entendido (partindo da afirmação de Ralph Waldo Emerson de que se deve educar o povo para que este não nos venha um dia a estrangular, a revoltar-se), criar pessoas passivas, obedientes, ignorantes e programadas (Chomsky, 2003). É fácil, escreve o pensador, criar uma fábrica de consensos quando a lógica que se oferece é a do consumo e se esquece que estudar é também aprender a compaixão, a solidariedade, os valores humanos.

A Universidade, hoje em dia, estando agrilhoadada pelo seu comprometimento excessivo com os interesses economicistas, precisa de uma revolução humanista, em que a recuperação do ideal do cultivo da unidade dos saberes possa fazê-la não perder o sentido das origens que marcou a sua identidade e o seu superior prestígio. Caso contrário, tornar-se-á vítima do seu antigo prestígio, mas ficando reduzida a um ensino politécnico, em que haverá pouco espaço para cultivar o pensamento livre que é fonte de inovação.

6. A Universidade e a união que urge estabelecer entre ciência e sabedoria

Com efeito, a Universidade deveria ser a sede do encontro de todos os saberes humanos, unindo-se e cooperando para ser, na sociedade, uma sede de sabedoria por excelência, ou seja, ter «a capacidade», como escreve Francisco B. Ribeiro Pinto, «do ser humano encontrar um sentido ordenador da realidade.» Este mesmo autor explica, no artigo sobre “A Universidade e a ruptura entre Ciência e Sabedoria”, que

a mentalidade moderna frequentemente reduziu a questão do sentido da realidade a uma dimensão psicoafectiva, uma forma de encontrar consolo diante da dor ou atribuir heroísmo e grandeza a uma vida banal. Mas o sentido é muito mais do que isso. Trata-se do grande sistema de sinais que orientam as pessoas em sua conduta no mundo. Sem um sentido, ainda que implícito e contraditório, a pessoa se imobiliza diante da vida. (Pinto, 2013, p. 15)

Também Amedeo Anelli aponta um caminho que abre lugar a um humanismo de tipo antropológico, sem estar reduzido à abstração de um absoluto a-histórico, e com conhecimento dos saberes ontológicos fundamentais. Só assim se pode fazer emergir o «todo», com consciência de que é necessário convocar vários saberes e colocá-los em relação e em tensão: da física à antropologia, das artes à filosofia, da psicologia à sociologia (Anelli, 2018) Cientistas do passado, como o matemático Richard von Mises e Albert Einstein, e do presente, como Carlos Fiolhais, colocam em evidência o valor da formação humanística no desenvolvimento concreto das ditas «*hard sciences*». Einstein, na sua biografia, recorda a todos, inclusive os cientistas, que quase tudo o que sabemos e pensamos se deve às palavras que aprendemos, à língua que usamos. Esta pertence a uma tradição de base greco-latina e, naturalmente, às tradições e culturas que dela se geraram. A aventura da ciência pertence a essas tradições e, se não as compreendermos, a inovação científica e tecnológica fica a perder, porque será a-cultural e a-histórica, com os perigos que isso envolve.

De todo o modo, o que se espera da Universidade é que seja a pátria da cultura em expressão mais nobre, na linha do que defendeu já citado Manuel Antunes quanto ao entendimento do sentido mais profundo de cultura, enquanto bússola do saber e fermento da vida em demanda incessante da harmonia.

Vale a pena revisitar uma conferência proferida por Onésimo Teotónio Almeida a este propósito, feita no congresso realizado na Fundação Calouste Gulbenkian e na Câmara Municipal da Sertã para assinalar os 100 anos do nascimento daquele que é um pensador maior do século xx português, sob o título “Padre Manuel Antunes, humanista e paladino das Humanidades”. Descreve o Professor da Universidade de Brown, no texto que nos legou da sua intervenção, um episódio bem significativo da

relevância que, ainda hoje, universidades de referência mundial dão às velhas Humanidades para a formação integral dos estudantes das mais diversas áreas disciplinares:

E, nos debates sobre eles, as Humanidades têm muito a ensinar. Ainda um dia destes, no julgamento que ainda decorre num tribunal dos EUA em que o réu é a Universidade de Harvard por supostamente discriminar contra os estudantes asiáticos no processo de admissão, um dos advogados de defesa revelava há dias que ‘Harvard está à caça de mais estudiosos das Humanidades, como os que estudaram Grego e Latim, porque ‘pensamos que serão grandes educadores para os nossos engenheiros”, afirmou William Fitzsimmons, Dean of Admissions em Harvard, durante o julgamento. (Almeida, 2021, p. 357)

O mesmo pensador português tem publicado reflexão importante noutros lugares que dá aos saberes humanísticos um valor estruturante de toda a formação no ensino superior, em ordem a cumprir a missão dupla de instruir profissionais e educar cidadãos:

As universidades devem formar cientistas e técnicos, mas eles vão lidar com o mundo real e com outros cientistas e técnicos que são também seres humanos. A verdade, contudo, é que a maior parte das pessoas com quem eles vão lidar são criaturas humanas com toda a sorte de problemas por resolver. A universidade, ao preparar os quadros que vão assegurar o funcionamento da sociedade nos seus mais variados sectores, não poderá nunca esquecer essa dimensão. Max Weber, um dos pais fundadores da Sociologia moderna e, na verdade, a grande figura-base das Ciências Sociais contemporâneas, defendia que os académicos e cientistas deveriam, em ocasiões específicas, falar *qua* cientistas (enquanto cientistas), mas também deveriam intervir *qua* cidadãos (enquanto cidadãos). As duas dimensões coexistem, inseparáveis uma da outra. Ao formarmos os nossos cientistas e técnicos futuros, temos de moldá-los também como cidadãos. (Almeida, 2017, p. 18)

Este escopo de formação integral da pessoa humana, que a Universidade deve garantir, é indissociável do cuidado concedido à atualização dos saberes, integrando os novos dados da investigação científica devidamente validada. É também evidente que a atualização dos métodos e da identidade epistemológica das ciências humanas deve estar em linha com as exigências da produção e difusão do saber nas nossas sociedades hodiernas, marcadas pela pressão das tecnologias que penetram em todos os campos de atuação humana e pelo que Desse esforço de atualização são um sinal renovador a emergência das chamadas «Humanidades Digitais» que pretendem

atender aos novos desafios de produção de conhecimento avançado com o uso progressivo dos mais sofisticados recursos tecnológicos disponíveis.

Em modo de conclusão, lembramos aqui o muito traduzido mundialmente manifesto de Nuccio Ordine em favor das Humanidades, defendendo que a humanidade precisa mais, para se tornar humana, do saber classificado pelas nossas sociedades economicistas como inútil do que o saber contável como útil (Ordine, 2013). E vale a pena citar o comentário de Margarida Miranda num artigo publicado na *Brotéria*, procurando responder à pergunta

Por que são as Humanidades vitais para a educação dos cidadãos? Entre outras razões, porque elas desenvolvem faculdades como o pensamento crítico, não guiado apenas por sentimentos pessoais e impressões subjectivas, mas fundamentado em provas históricas e em razões científicas. Para uma democracia sobreviver é preciso aprender a argumentar, a deliberar e a decidir. É preciso fazer opções não apenas 'porque sim', nem 'porque me apetece', nem sequer obrigados por qualquer espécie de autoridade, mas antes sabendo dar as razões (mais do que as opiniões) das opções. Hoje, o mundo do estudante é muito mais do que a sua casa, a sua escola, o seu grupo. Tende a ser o mundo global, muito além das fronteiras do seu país. Por isso a educação tem de lhe dar ferramentas que lhe permitam conhecer o outro e, sobretudo, pensar acerca do outro. Para viver nessa rede de interdependências globais é preciso conhecer as línguas e também a história das culturas, a economia global, as principais religiões do mundo - tudo aquilo que constitui o campo das humanidades. (Miranda, 2018, p. 569)

Já pensava Agostinho de Hipona que a ciência cultivada sozinha como fim em si era tristeza, ou seja, cultivar a ciência pela ciência sem acrescentar sabedoria, espiritualidade, em suma, humanidade, torna o trabalho do conhecimento sem sentido, logo triste, árido e até deprimente. Se a Universidade recuperar e preservar o seu espaço de encontro, diálogo e comunhão de saber, em ordem à elevação da pessoa humana a uma condição de dignidade maior, então a mesma Universidade será a casa da inquietação na demanda da verdade, mas também a casa da alegria pelo convívio entre os vários caminhos do conhecimento. Para tal, nunca é de mais lembrar que o estudo das nossas mais fundas raízes culturais e civilizacionais, com os seus valores associados, deve acompanhar o aprofundamento do conhecimento das mais avançadas conquistas da ciência. Deste modo, será concedido a quem se forma nas nossas instituições de saber o pano de fundo e o horizonte largo para que haja espaço de crescimento mais pleno e verdadeiramente humano.

Referências

- Almeida, O. T. (in press 2021). Padre Manuel Antunes, humanista e paladino das Humanidades. In G. d'Oliveira Martins e J. E. Franco (coords.). *Repensar Portugal, a Europa e a Globalização: Saber Padre Manuel Antunes, SJ, 100 Anos*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Almeida, O. T. (2017). *Humanidades – Uma Inutilidade mais do que Necessária*. Universidade do Minho.
- Anelli, A. (2018). Dal reale al possibile: percorsi dell'autentico, dell'identità, dell'identificazione, del cambiamento. In C. Arcangelo (coord.). *Dal Reale ao Possibile: percorsi dell'autentico – Letterature europee e Critica* (pp. 9-15). Ticinum Editore.
- Antunes, M. (2008a). J. E. Franco (dir.) *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*, tomo II, *Paideia: Educação e Sociedade*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2008b). L. M. de Abreu (dir.) *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*, tomo I, vol. III, *Filosofia da Cultura*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2007). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*, tomo I, vol. IV, *História da Cultura, da Obra Completa*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bauman, R. A. (2000). *Human Rights in Ancient Rome*. Routledge.
- Chomsky, N. (2003). *Due Ore di Lucidità. Conversazioni con Denis Robert e Weronika Zarachowitz*. Baldini & Castoldi.
- Curtius, E. R. (1931). Abandon de la culture. *La Nouvelle Revue Française*, 219, 849-867. (Original: *Abbau der Bildung. Die Neue Rundschau*, XLII, 339-353.
- Curtius, E. R. (1963). *European Literature and the Latin Middle Ages*. Harper & Row.
- Dorfles, G. (1973). *Dal Significato alle Scelte*. Einaudi.
- Diderot, D. (dir). (1751). *Encyclopédie, Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par Une Société de Gens de Lettres*, Tomo I. Briasson/David l'Aîné/Le Breton/Durand.
- Fidalgo, A. (2019). *Ética Mínima*. Gradiva.
- Franco, J. E. (2014). Introdução. In J. E. Franco e C. Trindade (coord.). *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*. Esfera do Caos Editores/APCA – Agência de Promoção da Cultura Atlântica.
- Franco, J. E. (2019). A ideia de cultura como expulsão: A morte como a última expulsão e o fim da cultura. Algumas notas para uma teoria da cultura. In P. Alves et al. (orgs.). *A Morte: Leituras da Humana Condição*, Vol. II (pp. 249-256). Paulinas.
- Gusdorf, G. (2006). O gato que anda sozinho. In O. Pombo, H. M. Guimarães e T. Levy (orgs.). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Campo das Letras.
- Marcheschi, D. (2004). *Prismas e Poliedros. Escritos de Crítica e Antropologia das Artes*. Trad. Luísa Marinho Antunes e Fernando Figueiredo. Atlântida Editores.
- Miranda, M. (2018). As Humanidades são úteis?. *Brotéria*, 187, 562-570.
- Nussbaum, M. C. (2010). *Not for Profit. Why Democracy Needs the Humanities*. Princeton University Press.

Ordine, N. (2013). *La utilità dell'inutil*. Bompiani.

Pinto, F. B. R. (2013). A Universidade e a ruptura entre ciência e sabedoria. *Communio*, 1, 45.

Prose, F. (2017). Humanities teach students to think. Where would we be without them?. *The Guardian*. Fri 12 May, 1-5. [Disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/may/12/humanities-students-budget-cuts-university-suny>, consultado em 27/05/2017].

José Eduardo Franco

Universidade Aberta
Cátedra CIPSH de Estudos Globais
E-mail: eduardofranco.ceg@gmail.com
ORCID: 0000-0002-5315-1182

Luísa Marinho Antunes Paolinelli

Universidade da Madeira - CLEPUL
E-mail: marinho@staff.uma.pt
ORCID: 0000-0002-0904-665X

Correspondência:

José Eduardo Franco
Rua Ladislau Patrício, 8, 1º A
1750-136 Lisboa, Portugal

Data de submissão: Dezembro 2020

Data de avaliação: Março 2021

Data de publicação: Setembro 2021